

Uma aula sobre o Carnaval carioca

Flavio Aniceto

Estamos assistindo aqui no Rio de Janeiro a uma nova “explosão” do Carnaval de rua, e percebemos uma tendência à síndrome da invenção da roda por agitadores culturais e “donos” de blocos. Todos se colocando como os responsáveis pela “retomada” da festa popular. O Carnaval atual tem suas origens na virada dos séculos 19 e 20, amalgamando experiências diversas. Porém, há os foliões/agitadores de blocos carnavalescos da zona sul carioca que acham que nasceu com eles e no século 21. E do outro lado, no desfile das escolas de samba, a campeã deste ano, GRES Acadêmicos do Salgueiro, reivindicou para si, como motivo para a vitória, a retomada ao “samba no pé”, às “tradições” etc. Certamente uma crítica aos desfiles “técnicos e irrepreensíveis” de campeãs de outros anos.

Aos “heróis da resistência carnavalesca” e aos autointitulados renovadores da folia de rua, e aos demais interessados em viver e pensar a questão cultural e carnavalesca, em particular no Rio de Janeiro, recomendo a leitura cuidadosa do novo livro de Walnice Nogueira Galvão, crítica literária, professora da Universidade de São Paulo

e uma ativa pensadora da cultura, *Ao Som do Samba – Uma Leitura do Carnaval Carioca*, editado pela Fundação Perseu Abramo.

Nesse trabalho, a autora nos brinda com uma aula escrita, sem didatismos, falando diretamente sobre as diversas trajetórias que culminaram na atual formatação do Carnaval na “Cidade Maravilhosa” e seus reflexos em Carnavais de outras cidades e estados. Com esse livro, podemos entender a história carnavalesca, observando seus precursores, as tradições, os diversos formatos e a capacidade criativa da população do Rio para organizar e viver as festas mescas. Além disso, antes que as gerações mais novas, e outras nem tão novas, sigam achando que inventaram ou reinventaram o Carnaval, é importante compreender que muitas das questões atualíssimas já estavam colocadas como problemas há tempos.

A primeira escola de samba, a Deixa Falar, do Largo do Estácio, surgiu e desfilou como bloco (1928), depois rancho (1931), e desde o início chamou atenção, pois trazia uma ruptura com o samba mais próximo ao maxixe, e mais dançante. Com o desfile na avenida, a necessidade

era de um samba mais voltado ao cortejo, marchado, para a frente, e o modelo do Estácio passou a ser copiado por outras favelas/escolas. Os jornalistas foram figuras fundamentais na divulgação dessa e de outras inovações, e coube ao jornal *Mundo Esportivo*, em 1932, organizar o primeiro concurso de escolas de samba. Em 1934, congregando 28 escolas, é fundada a União das Escolas de Samba e, no ano seguinte, a prefeitura da cidade oficializa os desfiles.

Mas a própria criação das escolas é uma tentativa de institucionalização, o que pode ser percebido desde a definição do nome das agremiações, uma vez que blocos como Vai como Pode passa a se chamar GRES Portela; Deixa Falar, Unidos de São Carlos (atual Estácio de Sá); Bloco dos Arengueiros, GRES Estação Primeira de Mangueira. Por um lado, as escolas reafirmavam a relação com as comunidades de origem e, por outro, davam uma importância a si próprias, tirando a jocosidade e passando a um título mais “sério”: grêmio recreativo escola de samba, seguido do nome específico.

Com o livro da professora Walnice, vamos entender a origem da palavra samba



Ao Som do Samba – Uma Leitura do Carnaval Carioca, de Walnice Nogueira Galvão. Editora Fundação Perseu Abramo, 2009, 184 páginas

(*semba*, o nome da umbigada – presente nas pioneiras rodas de samba e a deixa para a substituição do casal dominante/solista), quais seus precursores (lundu, o citado maxixe, tango brasileiro, entre outros) e como a chegada de um grande contingente de negros vindos das regiões cafeeiras pós-abolição da escravatura (1888) trouxe mudanças à musicalidade da cidade e ao próprio Carnaval.

Os entrudos (festas de origem portuguesa e com uma forma agressiva de brincar) foram substituídos pelo Carnaval como etapa civilizatória. Na sequência desse processo, temos o zé-pereira, as Grandes Sociedades, o corso, os cordões, os blo-

cos, os ranchos e, por fim, as escolas.

O Carnaval tem uma história linear, mas repleta de entremeios, de grupos querendo “um retorno ao Carnaval tradicional” (isso no século 19 e no início do 20!). Deriva de influências e espaços geográficos diversos: de festas e religiosidade africanas e europeias/católicas; da presença efetiva das matriarcas baianas no Rio, como Tia Ciata, testemunha do nascimento do que viria a ser considerado o pri-

meiro samba a ser gravado, *Pelo Telefone* (1917); da urbanização, com a reforma Pereira Passos, mudando a vida e a cultura da cidade; da criação das escolas; do enredo chegando quando Paulo da Portela veste sua escola conforme o samba e o tema; do Império Serrano, com Mano Décio criando o primeiro samba-enredo. E os sambas das escolas, embora feitos por negros, tinham letras sempre pomposas, contrastando com a informalidade crítica das

marchinhas (quase no geral de compositores brancos, de classe média).

A chegada dos carnavalescos nos anos 1960, e especialmente de Joãozinho Trinta, tirou o “samba no pé” para a verticalização das torres de TV e das altíssimas arquibancadas. Ainda nessa década, o Salgueiro rebaixou o samba-enredo para ficar mais fácil de cantar e correr, com seus olê-lês olá-lás. Finalmente chegamos à inauguração do Sambódromo atual, em 1984.

Enfim, temos aqui um guia para entender de onde saímos com os cortejos carnavalescos. Evoé, Momo. Ele agradecerá a Walnice Nogueira Galvão por fazer uma obra que contribuirá para a compreensão do Carnaval carioca e, com certeza, provocará debates e, possivelmente, outras publicações.

Flavio Aniceto é formado em Produção e Política Cultural pela Universidade Candido Mendes, coordenador do Coletivo de Produção Cultural Aracy de Almeida/CPC (RJ)

Nosso assinante ganha sempre!

A revista e a Editora da Fundação Perseu Abramo estão promovendo a campanha

Lançamentos em Teoria e Debate

A cada edição são sorteados 5 exemplares de um novo livro da editora.

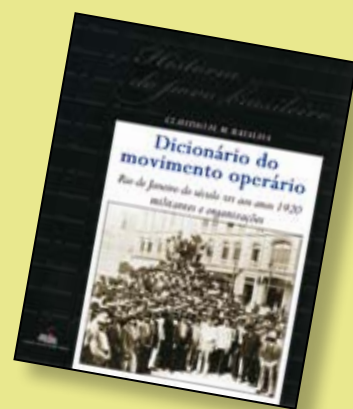
Basta ser assinante para concorrer.

Nesta edição

Dicionário do Movimento Operário,
de Claudio H.M. Batalha

Ganhadores	Localidade
Mauricio Alexandre Silva Moreira	Belo Horizonte/MG
Elisario Pires palermo Junior	Campinas/SP
Nara Leonor Castro Garcia	Porto Alegre/RS
Maria de Souza Amorim	Santo André/SP
Convento Bom Jesus	Ponta Grossa/PR

Assine Teoria e Debate e o próximo contemplado pode ser você!



A trajetória de nordestinos em São Paulo

Samuel Fernando de Souza

O livro de Paulo Fontes foi concebido originalmente como uma tese de doutorado em História, defendida na Universidade Estadual de Campinas, em 2002. O texto de quase 350 páginas, amparado por uma pesquisa vigorosa de documentos, surpreende por fluir agradavelmente e sustentar uma integridade admirável. Durante esse mergulho em São Miguel Paulista das décadas de 1940 a 1960, que abriga a indústria Nitro Química, encontramos personagens distintos que compartilharam trajetórias semelhantes e observamos seu papel na composição de um bairro operário, dentro da maior metrópole do país.

Para além da fria estatística que constata o crescimento de São Paulo entre as décadas de 1950 e 1970, Fontes nos mostra atores invisíveis que constituíram esse vigoroso movimento populacional. As redes sociais cimentam a história apresentada ao longo do livro. O contato com parentes e conhecidos está presente desde o convencimento na terra natal para vencerem seus medos e partirem para a “promissora” São Paulo até o estabelecimento dos migrantes na cidade de destino. A solidariedade que permeava as muitas experiências compartilhadas envolvia o apoio

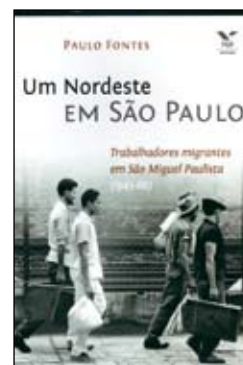
para obtenção de empregos na fábrica, o ensino das tarefas executadas no local de trabalho, bem como a composição das estratégias de resistência e organizativas na luta por direitos.

O bairro assume um papel importante na constituição e articulação das redes sociais daqueles trabalhadores. Desde os primeiros dias nas pensões, nos mutirões para construção de casas nos loteamentos populares, eram formados os laços que seriam acionados em caso de doenças e outras eventualidades. Os espaços de sociabilidade, como os bares, bailes, clubes, cinemas e jogos de futebol, foram palcos para o fortalecimento de tais relações. A vivência no bairro proporcionou uma arena de luta fora dos muros da fábrica. As ruas enlameadas nos dias de chuva, a falta de saneamento básico e o precário sistema de transporte agruparam os moradores de São Miguel na exigência de melhorias perante o poder público.

O preconceito contra os migrantes foi constante. Apesar de provenientes de estados e regiões diferentes, eles foram identificados pela genérica denominação de “bairianos”. Associados à vida na periferia, aos trabalhos in-

salubres, à violência com o uso da famigerada “peixeira”, foram estigmatizados como rudes e desordeiros. A essa visão negativa, os migrantes responderam com a criação de uma identidade nordestina, que valorizava seu importante papel na construção do progresso na cidade. Essa identidade, devidamente associada ao caráter de classe, fomentou uma cultura afirmativa que ostentava o trabalhador como cidadão e portador de direitos.

É com esse olhar, situado no nível microscópico das ações cotidianas, que o autor problematiza uma ideia que décadas atrás constituiu uma visão negativa acerca dos trabalhadores em São Paulo. Para muitos intelectuais, a origem rural dessas pessoas que chegavam ao estado em um período de crescente industrialização havia contribuído enormemente para sua passividade e predisposição ao imobilismo diante das condições de trabalho. Percebemos durante a leitura da obra que a crescente classe trabalhadora, embora sem uma tradição operária, instituiu movimentos reivindicatórios consistentes tanto no âmbito do chão de fábrica como na composição da célula comunista conhecida como “o orgulho do PCB”. No



Um Nordeste em São Paulo – Trabalhadores Migrantes em São Miguel Paulista (1945-66), de Paulo Fontes. Editora FGV, 2008, 346 páginas

âmbito da “grande política”, a conhecida tese da cooptação das massas trabalhadoras por lideranças demagógicas desmorona diante da participação ativa dos personagens desse livro.

Um Nordeste em São Paulo é uma contribuição importante para a compreensão da trajetória da classe trabalhadora. Muito além de um estudo de caso, é uma obra essencial para todos aqueles que se interessam pela história do Brasil no período de 1930 a 1964.

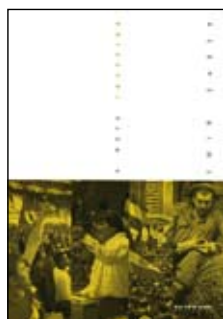
Samuel Fernando de Souza é doutor em História Social do Trabalho pela Unicamp



A Fratria Órfã – Conversas sobre a Juventude

Maria Rita Kehl
 Editora Olho D'Água, 2008, 214 páginas

Nesta coletânea de artigos publicados no site da psicanalista e em diversos periódicos, o tema é o jovem. Num mundo que os confinou ao lugar do prazer e da alegria, eles manifestam, de forma pungente, certo “mal-estar na civilização”. Sofrem sem saber disso e não dispõem de linguagem para expressar suas dores, sobretudo a falta de um sentido em sua vida. A autora sugere ser preciso preencher tal vazio com o pensamento e o diálogo.



A Nova Toupeira – Os Caminhos da Esquerda Latino-Americana

Emir Sader
 Boitempo Editorial, 2009, 190 páginas

A toupeira, mamífero cavador de buracos, foi escolhido por Karl Marx como símbolo da Revolução. Emir Sader mostra aqui as aventuras da toupeira

na América Latina e “as formas concretas assumidas pela luta anticapitalista contemporânea”. Para quem não aceita a infâmia capitalista como único futuro para os povos da América Latina, este livro ajudará a entender por onde passam “os processos de transformação revolucionária de nossa realidade”.



Dicionário do Movimento Operário – Rio de Janeiro do século XIX aos anos 1920 – Militantes e Organizações

Cláudio H.M. Batalha. Editora Fundação Perseu Abramo, 2009, 298 páginas

O primeiro volume de uma série de dicionários sobre movimento operário no Brasil contempla os militantes que se envolveram em lutas e associações na corte/capital federal, polo mais importante de concentração de trabalhadores no período. Nele, trajetórias individuais e institucionais se combinam para a construção de um texto de referência que já nasce imprescindível a todos os estudiosos da moderna história social do trabalho.

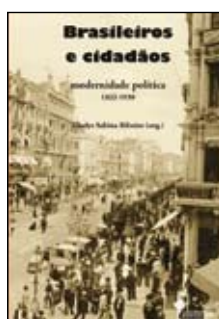
Diversidade Étnica, Conflitos Regionais e Direitos Humanos

Tullo Vigevani, Marcelo Fernandes de Oliveira e Thiago Lima
 Editora Unesp, 2008, 163 páginas

O ponto central da obra são os direitos humanos e o modo com



que eles se relacionam com os mais diversos contextos socio-culturais. Os autores defendem o direito à rebelião dos que buscam respeito, mas afirmam que o ideal é a convivência sem violência. Relatam como esses grupos se mobilizam e os desafios que os direitos humanos e o Estado-Nação tiveram para se estruturar nas mais diversas sociedades. E como, em várias ocasiões, isso não evitou violações por esses mesmos Estados. Descolonização, sistema internacional de proteção, assistência humanitária e conflitos internos são também abordados no livro.

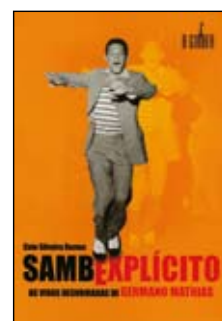


Brasileiros e Cidadãos – Modernidade Política 1822-1930

Gladys Sabina Ribeiro (org.)
 Editora Alameda, 2008, 492 páginas

O objetivo do livro é discutir a formação da Nação, dos direitos e da cidadania na passagem para a modernidade com análises que priorizam os direitos

políticos e civis, levando em consideração os valores e as práticas sociais do período que vai do Primeiro Reinado aos últimos anos do Império e ao começo da Primeira República. Enfoca as diferentes concepções de direito e as relações dos cidadãos com o governo e com as instituições do Estado, além de permitir subsídios para a discussão sobre a formação da sociedade civil, equilibrando o papel do Estado e o da sociedade.



SambExplícito – As Vidas Desvairadas de Germano Mathias

Caio Silveira Ramos
 A Girafa Editora, 2008, 443 páginas

Nas palavras de Walnice Nogueira Galvão, no prefácio do livro, “o autor transgredir o discurso convencional da biografia, para encarnar na materialidade da linguagem algo da experiência concreta do biografado. Assim, o texto se recheia da gíria dos meios sociais que o artista cruzou e que transparecem em seus sambas – não diga malandro, diga malaco”. Aldir Blanc acredita que o talento e o carisma de Adoniran Barbosa tenham nublado a grandeza de Germano Mathias, nascido no Pari, que ficou famoso pelas batucadas em caixas de madeira e latas dos engraxates.

Comunicação

Leio sempre com muito interesse a coluna do professor Venício A. de Lima sobre mídia em *Teoria e Debate*, da mesma forma como li o excelente livro de sua autoria, *Mídia – Crise Política e Poder no Brasil*.

Sou professor aposentado da Coppe/UFRJ, engenheiro civil de formação, 84 anos. Creio que aos docentes universitários faria bem se formulasse um pleito para que a CCTCI da Câmara dos Deputados fosse subdividida em Comissão de Ciência e Inovação Tecnológica, de um lado, e Comissão de Comunicação Social e Informática, de outro, bem distintas. Que no Senado a Comissão de Educação fosse depurada de comunicação.

Desse modo, Ciência e Educação não serviriam mais de biombos dos interesses escusos dos que se beneficiam das concessões públicas, em

desrespeito à Constituição de 1988, como Venício demonstrou em seu livro tão pouco divulgado. Esse assunto cabe ser explorado sem receio pelos articulistas de *Teoria e Debate* e pelos políticos atuantes de bons antecedentes e de esperança no futuro que não me pertence mais.

Jacques de Medina
Rio de Janeiro – RJ

O discurso e a prática

O Fórum Social Mundial pode ser entendido como um espaço de reflexão, debates e construção de uma nova alternativa de mundo. (...)

Construir uma proposta de modelo econômico e político alternativo capaz de atender às demandas, que siga princípios éticos humanistas, defenda a soberania dos povos e pense o planeta como um espaço que precisa ser renovado, vai além de debates e palestras. Passa pela atuação de cada militan-

te. O problema está no comportamento desse militante, na maneira como ele enxerga sua atuação no Fórum. Afinal, queremos construir um outro mundo de fato ou contribuir para caracterizar um estereótipo que a mídia burguesa tentou levantar ao definir o FSM como o Woodstock das esquerdas?

O Fórum (...) deixa claro que há uma hegemonia das grandes organizações sociais e falha ao não definir as lutas prioritárias, por não apontar o que pode ser feito de concreto.

Do FSM de 2009 restam as lembranças de Belém, das suas comidas típicas e do dinheiro deixado por lá por uma parcela burguesa que se diz militante de esquerda. A atividade revive o sistema capitalista, depende do capital, se estrutura em torno dele. Os ideais de solidariedade e companheirismo, de certa forma, ficaram sepultados.

O mundo que se fez presente no Fórum não está parado para sistemas ou modelos sociais que pensem a coletividade, o respeito às diferenças, e criem novas formas econômicas.

O mundo que se fez presente no Fórum quer viver de discussões teóricas, debates e disputas de pretensos intelectuais e militantes que não levam a lugar algum.

(...) Acho que o evento deveria se organizar em grandes comitês pelo mundo, promovendo discussões e atividades durante o período que antecede o próximo encontro, porque, quando o FSM acaba, sua atuação é muito tímida e ineficaz. Voltamos para casa, contamos as histórias aos amigos, entregamos as lembranças compradas e passamos as fotos da câmara digital para a internet.

Bruno Lopes
Juventude do PT-Bahia

VENDEDORES

ALAGOAS

Maceió

Adilson Lopes (82) 3221-5153

AMAPÁ

Macapá

Roberto Lucas (96) 8111-0488
financ.ap@pt.org.br

AMAZONAS

Manaus

Jerson Queiroz (92) 3234-5487
Cel. 9112-0153
jersonqueiroz@ig.com.br

BAHIA

Salvador

Vicente Coutinho (71) 3235-6914
Cel. 9964-1887
vicentept@oi.com.br

Vitória da Conquista

Letras e Prosa - Euvaldo (77) 3421-9015

BRASÍLIA

Antônio de Pádua (61) 3567-3991

Sheila Araujo (61) 3213-1313
Cel. 8472-1622

sheila@pt.org.br

GOIÁS

Goiânia

Luciana de Mesquita (62) 3092-1013
Cel. 8412-6431

lucianamesquita.pt@hotmail.com

MINAS GERAIS

Belo Horizonte

Aluana Rocha (31) 3297-9063
Cel. 9807-2267

aluanarocha@gmail.com

Antonio Borges (31) 3282-1112
cebolalivros@yahoo.com.br

Uberaba

Lauro Henrique (34) 3338-2329
Cel. 9966-2751
lauroguimaraes@terra.com.br

Uberlândia

Henrique Rodrigues (34) 3239-1116
Cel. 8813-1797

henriquemorumbi@gmail.com

PARANÁ

Londrina

Paulo Urquiza (43) 3328-6556
Cel. 9992-2085

urquizaubinatti@hotmail.com

PIAUI

Teresina

João Batista Cel. (86) 9975-7122
batistaoliveira@ig.com.br

RIO DE JANEIRO

Rio de Janeiro

Amilsen Muzer (21) 2725-2455
Cel. 9874-7446

SÃO PAULO

Araraquara

Edilson Timóteo (16) 8128-2056
edilsontimoteo@yahoo.com.br

Campinas

Leandro Eliel (19) 3254-1300
Cel. 8111-0853

Presidente Prudente

Cicero Leandro (18) 3223-6859
clcosta@hotmail.com

São Paulo

Edmilson Cel. (11) 9440-4810

Hélio Silva (11) 3686-9893

João Muniz Cel. (11) 8386-2218

munizjbm@yahoo.com.br

Milton Fogo (11) 3494-2404

Oswaldo André Cel. (11) 9537-2196

oswaldoandref@ig.com.br

TOCANTINS

Hilton Faria (63) 8402-2422

Para vender assinatura de *Teoria e Debate* entre em contato com o Departamento Comercial pelo telefone (11) 5571-4299, ramal 145, ou por e-mail: tddivulgacao@fpabramo.org.br